



RELICIA

IDEOLOGIA CHAPLIN: ANÁLISE DO DISCURSO HUMANITÁRIO E SÁTIRO NO FILME THE GREAT DICTATOR¹

Iury Matheus Costa Silva²
Lílian das Mercês Salvador³

RESUMO

Este artigo objetiva trazer uma reflexão acerca da análise de discurso do filme *The Great Dictator* (1940), dirigido e roteirizado por Charles Spencer Chaplin, um dos principais responsáveis pela popularização do cinema como arte e entretenimento. Na grande maioria dos seus filmes, Charles Chaplin utilizava-se da linguagem cinematográfica em conjunto com o humor negro para expor suas ideologias e criticar a sociedade de sua época. Um grande marco em sua carreira foi quando dirigiu e roteirizou o filme *The Great Dictator* (1940), uma clara sátira ao regime nazista, sendo o longa uma verdadeira expoente da ideologia Chaplin. Partindo desta perspectiva, este artigo pretende analisar o discurso de Charles Chaplin e as suas bandeiras de luta, bem como descrever e analisar a satirização do nazismo e do próprio Adolf Hitler. Diante disso, utilizaremos as teorias referentes à análise de discurso da linha francesa, tendo em vista, a formação discursiva de Michel Pêcheux que é construída a partir de um tripé de formação social, discursiva e ideológica.

Palavras-chave: Cinema; Ideologia; Análise de discurso; Leitura fílmica; Charles Chaplin; O Grande Ditador.

ABSTRACT

This article aims to bring a reflection on the discourse analysis of the film *The Great Dictator* (1940), directed and scripted by Charles Spencer Chaplin, one of the main responsible for the popularization of cinema as art and entertainment. In the great majority of his films, Charles Chaplin used cinematographic language along with black humor to expose his ideologies and criticize the society of his time. A major milestone in his career was when he directed and scripted the film *The Great Dictator* (1940), a clear satire to the Nazi regime, the film being a true exponent of Chaplin ideology. From this perspective, this article intends to analyze the speech of Charles Chaplin and his flags of struggle, as well as to describe and analyze the satirization of Nazism and Adolf Hitler himself. In view of this, we will use the theories related to discourse analysis of the French line, in view of the discursive formation of Michel

¹ Recebido em 05/10/2017.

² Universidade Federal de Campina Grande. iurymatheussilva@gmail.com.

³ Universidade Federal de Campina Grande. liliansalvador@gmail.com.



RELICI

Pêcheux that is constructed from a tripod of social, discursive and ideological formation.

Keywords: Cinema; Ideology; Discourse analysis; Film reading; Charles Chaplin; The great dictator.

INTRODUÇÃO

Charles Spencer Chaplin ou Charles Chaplin, reconhecido mundialmente pelo seu talento como ator e diretor, foi um dos pioneiros da transformação do cinema como instrumento de crítica social, além de ter sido um dos mais reconhecidos diretores da história do cinema. Em toda sua carreira artística, Chaplin utilizou o humor negro⁴ e a satirização em conjunto com a subjetividade do cinema para expor sua crítica perante as diversas e diferentes situações da sociedade de sua época.

Filmes como *Modern Times* (1936) ou *The Great Dictator* (1940), são grandes marcos na história do cinema e na própria carreira de Chaplin, pois carregam em sua construção tanto artística, como fílmica, um discurso de grande carga sócio-ideológica, pautada na luta de classes, no humanismo e na solidariedade.

The Great Dictator trata-se do primeiro filme de Chaplin que se adapta ao novo formato de cinema da época, o cinema falado, tendo em vista, que até então toda a carreira do diretor encontrava-se construída no cinema mudo. Este filme, por sua vez, caracterizou-se por ser um “divisor de águas” tanto na construção do sujeito quanto na sua própria carreira.

Chaplin demonstra neste filme, pela primeira vez, seus posicionamentos ideológicos e humanistas, fazendo desta obra cinematográfica uma verdadeira bandeira pela igualdade de raças, religiões e, obviamente, pela luta contra a

⁴ É um subgênero do humor que utiliza de situações mórbidas, consideradas “politicamente incorretas” para extrair comicidade, ou então, que insere elementos mórbidos, macabros e/ou trágicos em situações cômicas.



RELICI

53

opressão governista, já que se trata de uma clara representação satírica contra o Nazismo de Adolf Hitler.

Partido deste pressuposto sobre a construção ideológica de Chaplin, este artigo fundamenta-se na teoria da Análise de Discurso da linha francesa, tendo em vista, a formação discursiva de Michel Pêcheux que é construída a partir de um tripé de formação social, discursiva e ideológica.

Portanto, além da fundamentação teórica, apresentaremos a construção ideológica de Charles Chaplin, permeando por toda sua vida, pela transcrição do enredo do filme *The Great Dictator*, pela realização da análise de discurso presente em sua narrativa, além da análise, de forma isolada, da sequência do discurso final do filme, finalizando assim com as considerações finais encontradas, a partir desta análise.

ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DE MICHEL PÊCHEUX

A Análise de Discurso da linha francesa foi teorizada em 1969 por Michel Pêcheux e Jean Dubois. Para Pêcheux, esse tipo de análise sinaliza a conexão para criar um discurso, além disso, a mesma está ligada a um tripé entre a língua, o sujeito e a história, ou entre a língua e a ideologia, isto é, para se fazer uma análise de discurso torna-se necessário não apenas estudar a língua em si, mas compreender onde o discurso está inserido e o tempo em que este foi produzido.

Desta forma, podemos afirmar que para se construir uma análise de discurso bem fundamentada, é necessário interpretar a enunciação, para assim constituir o significado, entendendo por consequência como aquele discurso foi divulgado e em quais circunstâncias. Pêcheux (1997a) ainda afirma que a forma de interpretar um discurso está relacionada com a própria ideologia do sujeito, variando assim de indivíduo para indivíduo.

Partindo da visão marxista de ideologia, que teoriza que as classes dominantes oprimem e mantém o poder a partir do Estado, a ideologia da sociedade



RELICI

54

deve seguir aspectos, características e ações apoiadas e divulgadas por aqueles que estão no poder. Fairclough (2001, p. 94) admite, inclusive, que “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”.

Portanto, entende-se que as mudanças sociais e suas bandeiras de lutas necessitam ser estruturadas, a partir de argumentações, debates e construções dialógicas propagadas pela opressão ideológica do Estado, para assim, constituir uma nova ideologia e um distinto “modo de vida”, condizente com o que o determinado sujeito social acredita.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, dito de outra forma, a classe que é a potência material dominante é também a potência dominante espiritual. Os pensamentos dominantes não são outra coisa que a expressão ideal das relações materiais dominantes, eles são estas relações materiais expressas sob forma de ideias (MISIK, 2006, p. 108).

Sabendo disso, podemos compreender que a ideologia é o posicionamento do sujeito perante o seu discurso, seguido de uma lógica de ideias, histórias e a linguagens. Através desse tripé, é possível identificar o posicionamento do sujeito quanto ao seu próprio discurso, a história que determinará o entendimento sobre o contexto sócio-histórico-cultural do sujeito e do momento do discurso, a linguagem que irá gerar pistas sobre o sentido que se deve observar naquele discurso e, por fim, a ideia que se caracteriza por construir os posicionamentos político-culturais do sujeito discursivo.

Levando em consideração todo esse entendimento acerca da construção de uma AD⁵, torna-se necessário expor de maneira clara, que o discurso se apresentará como um objeto de estudo com diferentes interpretações, já que ela está sujeita a interpretação daquele que o analisa.

⁵ Abreviação de Análise do Discurso.



RELICI

Orlandi (1999) afirma que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Partindo deste entendimento, observa-se que um enunciado idêntico apresenta interpretações e significado distintos, já que dependendo da localização e, principalmente, da situação histórica a qual o discurso está sendo empregado, o posicionamento social do sujeito, o ambiente e a situação pela qual o discurso foi utilizado, mudará completamente a sua compreensão. Assim, Brandão (2006) afirma que esse estudo necessita de um cuidado redobrado, não se limitando apenas a identificar aspectos ortográficos e lexiculturais das palavras. A análise de discurso é uma linguagem que

[...] deve ser estudada não só em relação ao seu aspecto gramatical, exigindo de seus usuários um saber linguístico, mas também em relação aos aspectos ideológicos, sociais que se manifestam através de um saber sócio ideológico. Para a AD, o estudo da língua está sempre aliado ao aspecto social e histórico (BRANDÃO, 2006, p. 6).

Para Foucault, em sua obra *A Arqueologia do Saber* (1969), o discurso é construído a partir de uma formação discursiva, que segundo o filósofo é definido a partir de um tempo e espaço que será responsável por construir as circunstâncias necessárias para a execução da função enunciativa, bem como estabelecer e determinar o posicionamento do sujeito.

Pêcheux, por sua vez, se baseia na definição de formação discursiva construída por Foucault, em que sua construção toma como base a perspectiva da argumentação ideológica da luta de classes, ou seja, a análise do discurso assumirá na sua estruturação teórica, os conceitos de formação social, discursiva e ideológica. De modo geral, a AD determina

[...] o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harença, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa



RELICI

56

etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes (PÊCHEUX, et al., 1997b, pp. 166-167).

Portanto, o sujeito sustenta a ilusória sensação de que é capaz de produzir seu próprio sentido para seus discursos como forma de expressão do seu posicionamento, porém, este não percebe que está reproduzindo apenas uma ideologia já existente, “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras” (Pêcheux; Fuchs, 1975, p. 166).

Para Fernandes (2005, p. 35), “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz”. Desta forma o desenvolvimento de construção subjetiva do indivíduo está relacionado com “a identidade, assim como o sujeito, não é fixa, ela está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (ibidem, p. 43).

Desta forma, torna-se fundamental ressaltar que o discurso na AD, se baseia em uma construção acompanhada dos discursos culturais, históricos e ideológicos, ou seja, é um discurso que se baseia na maneira de enunciação e de continuidade dos discursos relacionados ao sujeito ou sua postura ideológica, “[...] a noção de interdiscurso, tomado como a relação de um discurso com outros. Ou seja, os discursos são gerados por meio do confronto, da interação, que estabelecem entre si” (MOURA, 2008, p. 01).

Assim sendo, quando falamos sobre a Ideologia de Charles Chaplin e sua construção de linguagem narrativa, percebemos uma certa continuidade ideológica focada exatamente na luta de classes e discursos humanitários, sempre criticando o modo de vida da sociedade de sua época e de seus governantes.



RELICI

IDEOLOGIA DE CHAPLIN

Marcado por uma vida difícil, dentre as quais a miséria e o abandono integraram a sua infância, Charles Chaplin utilizou todas essas experiências de um modo distinto e positivo, atitude esta que o levou a ser admirado por muitas pessoas. Ao incorporar esses traumas em suas obras, Chaplin não demonstrava raiva e revolta para o público, mas sim, muito amor e afeto para com o próximo mesmo diante de todos os percalços pessoais e sociais.

Uma das diversas características presentes nas obras de Chaplin era o seu teor crítico para com os problemas sociais da época como, por exemplo, o capitalismo, a ditadura, a censura, a repressão, a ausência da liberdade de expressão, o autoritarismo e entre outras temáticas. Além disso,

[...] o autor incluir-se no sistema de valores da ideologia dominante criticando o que for contrário a essa ideologia e o autor burlesco encontrar-se fora desse mesmo sistema, contrapondo um sistema de valores inversos (antivalores), os quais exalta, proclamando a sua superioridade. O burlesco torna-se mais tolerável do que a sátira uma vez que o seu exagero, a distorção de sentidos, o carácter paródico, a falta de um discurso político ou moralizador, o tornam aparentemente mais inofensivo (LOBASSI, 2011, não paginado).

A maneira como Chaplin abordava esses problemas sociais em suas obras era o que mais chamava a atenção do público, já que este utilizava ferozmente da comédia, da ironia, do sarcasmo, do cotidiano, da empatia, da felicidade e do amor para transmitir as verdades omitidas pelos “poderosos”. Embora, as injustiças e a violência aumentassem cada vez mais na sociedade, o mesmo persistia sempre em transmitir o lado bom da vida e como era possível transformar algo negativo, através da verdade e do amor.

Carlitos, o seu personagem mais conhecido e querido por todos, era o exemplo real de todos os aspectos citados anteriormente. Um homem oprimido perante a sociedade, utilizava-se da sua alegria, positividade, simplicidade e



RELICI

58

humanidade para alegrar todos ao seu redor (e, obviamente, o público). As situações e o modo como Carlitos enfrentava tudo, acabavam gerando uma identificação por parte de quem acompanhava suas obras, já que se tratava de atos e contextos semelhantes ao da grande maioria das pessoas.

Chaplin fez um cinema que trata da luta de classes, fala da miséria e a associa não à escolha dos indivíduos, mas à injustiça da sociedade. Os ricos ostentam maus hábitos, do egoísmo ao ócio: os pobres, mesmo se eventualmente apelam para a desonestidade, só o fazem pela própria sobrevivência ou pelo bem-estar das pessoas. [...] O capitalismo e a industrialização [...] tiravam o humanismo do centro da sociedade. O dinheiro e o status passavam a ser mais importantes que a relações humanas. [...] A esperança vinha de um personagem excluído da sociedade, vítima de preconceitos, relegado e perseguido, mas que ainda era capaz de deixar de lado suas ambições pessoais para ajudar alguém que estivesse necessitado (LOBASSI, 2009, p. 23-28).

Charles Chaplin assim como muitos outros artistas, sofreram bastante com o macartismo⁶, já que este foi acusado de difundir ideais comunistas, estimular o pensamento crítico das pessoas, incentivar o povo a lutar pelos seus objetivos e, conseqüentemente, ir contra as medidas e leis antidemocráticas impostas pelos representantes políticos.

Apesar de ser acusado de comunista nos tempos do macartismo, tendo inclusive que abandonar os Estados Unidos e voltar a morar na Inglaterra, os filmes de Chaplin não tinham esse viés ideológico. Sua preocupação não era disseminar uma filosofia política, mas criticar as injustiças da sociedade (LOBASSI, 2011, não paginado).

Portanto, partimos do entendimento de que a construção do principal personagem de Charles Chaplin, Carlitos, é uma espécie de continuidade discursiva, tanto do próprio ator, como de suas obras. Levando em consideração os acontecimentos históricos de sua época, a revolução industrial e o aumento da

⁶ Macartismo é o nome pelo qual é conhecida a política surgida nos Estados Unidos nos anos 50, caracterizada pelo combate as "atividades antiamericanas", surgidas da crescente disputa entre EUA e URSS.



RELICI

59

perspectiva do capitalismo, percebemos que a construção ideológica de Chaplin começa desde sua infância até chegar no seu auge que é quando podemos dizer que o próprio já estaria com sua ideologia bem desenhada e definida na recolocação dos valores humanitários como o centro das atenções da sociedade.

Ademais, podemos destacar também que a ideologia de Chaplin baseava-se na luta de classes, na luta contra a exploração da mão de obra, contra o capitalismo industrial, contra os poderosos que iludiam a sociedade com seus discursos de valores e, principalmente, a favor da humanização e da solidariedade perante os seus semelhantes.

Tais ideologias podem ser percebidas em filmes como *Modern Times* (1936), uma sátira que critica o sistema capitalista; *The Kid* (1921) que critica a falta de amor, de humanismo e de solidariedade dos governos perante os órfãos e moradores de rua; *Monsieur Verdoux* (1947), mais uma crítica ao capitalismo e ao militarismo; *City Lights* (1931) que mostra a capacidade do ser humano de ser solidário e humanista; e, *The Great Dictator* (1940), objeto de estudo deste artigo que é uma clara crítica ao autoritarismo e uma sátira de Adolf Hitler.

DISCURSO DO FILME O GRANDE DITADOR

The Great Dictator começou a ser filmado poucos dias após a declaração oficial da Segunda Guerra Mundial, em 1939, sendo dirigido, escrito e atuado por Charles Chaplin e lançado oficialmente em 15 de outubro de 1940. Caracterizado por ser uma sátira a Segunda Grande Guerra, bem como ao nazismo, ao fascismo e a todos os seus simpatizantes, o filme faz também uma sátira, especificamente, a dois grandes percursores das ditaduras da época: Adolf Hitler e Benito Mussolini, o



RELICI

60

primeiro tendo sido interpretado por Chaplin⁷ e intitulado por Adenoid Hynkel e o segundo por Jack Oakie e intitulado por Benzino Napaloni, respectivamente.

A história do filme ocorre durante a Primeira Guerra Mundial, especificamente em 1918, quando Carlitos é um soldado do exército da Tomania, um país fictício que possui verossimilhança a Alemanha Imperial/Nazista. Em dado momento da trama, Carlitos, salva um aviador e ao fugirem juntos em um avião, ambos sofrem um acidente e o personagem de Chaplin, adquire uma amnésia, ficando vinte anos internado.

Enquanto isso, mudanças acontecem na Tomania: Adenoid Hynkel, se torna o grande ditador da Tomania e assume um discurso antissemita, sendo auxiliado pelos ministros Garbitsch (uma sátira a Joseph Goebbels) e Herring (uma sátira a Hermann Göring), ambos ministros do III Reich.

Recuperado parcialmente dos ferimentos da primeira guerra mundial, já que o mesmo ainda permanece com amnésia, Carlitos, um tomaniano-judeu retorna para sua casa, localizada em um gueto judeu, onde decide retornar a trabalhar como barbeiro.

Ao longo do filme, o barbeiro judeu fica indignado quando policiais pintam a janela de sua barbearia, sendo assim, resolve apagar, sofrendo a represália física e verbal por parte dos policiais. Mesmo diante dessa situação, Carlitos continua a resistir, inclusive, conquistando ajuda de Hannah, uma jovem judia, que tenta encorajar e convencer de todas as maneiras a população a resistir àquela opressão.

Após resistir diversas vezes contra os soldados da Dupla Cruz, o barbeiro judeu acaba sendo cercado, preso e condenado (sem um julgamento oficial) a morte. Tendo em vista a persistência de Carlitos em desacatar as ordens dos

⁷ Vale destacar que Adolf Hitler e Charles Chaplin nasceram com quatro dias de diferença, Chaplin nasceu no dia 16 de abril de 1889, em Londres, enquanto Hitler nasceu no dia 20 de abril do mesmo ano, em Branau am Inn, na Áustria. Posteriormente, já na vida adulta, muitos afirmavam que ambos, inclusive, possuíam semelhanças físicas.



RELICI

61

soldados, estes decidem enforcar o barbeiro judeu em praça pública como forma de aviso para todos aqueles que pretenderem resistir ao autoritarismo.

Entretanto, Carlitos é salvo por um comandante, o mesmo homem a qual ajudou a escapar com vida durante a Primeira Guerra Mundial, Schultz, agora comandante do exército tomaniano e homem de confiança do ditador Adenoid Hynkel. Além disso, Schultz declara para soldados presentes que nenhum tipo de agressão ou opressão poderá acontecer aos moradores do Ghetto.

Hynkel, por sua vez, tenta em vários momentos invadir Osterlich, porém para isso o mesmo precisa de dinheiro para financiar o ataque, e os únicos que possuíam quantia suficiente para esse empréstimo são os ricos empresários judeus. Devido essa situação, Hynkel é “obrigado” a diminuir a repressão aos judeus, como forma de conseguir ganhar confiança destes empresários e, por fim, obter o dinheiro necessário para a invasão.

Em vários momentos, Hynkel começa a demonstrar uma obsessão doentia pelo poder e pelo desejo de dominar o mundo, de modo que ao conduzir a umas das cenas mais clássicas do cinema, Chaplin mostra Hynkel brincando com um globo terrestre, que acidentalmente estoura em suas mãos.



Cena que Chaplin satiriza toda a loucura e obsessão de Hitler

Posteriormente, um empresário judeu recusa-se a financiar Hynkel que reinstaura com mais brutalidade a opressão aos judeus. Schultz, por sua vez,



RELICI

62

recusa-se a obedecer às ordens do ditador e é acusado por Hynkel de traição, sendo logo em seguida, preso e enviado aos campos de concentração. Entretanto, este consegue escapar e decide fugir para o gueto, onde permanece escondido. Ajudado pelo barbeiro judeu e pelos moradores do Guetto, Schultz se reúne com as pessoas que residem no bairro para planejar uma estratégia de tirar Adenoid Hynkel do poder.

Pouco tempo depois, as tropas militares retornam ao Ghetto, em busca de Schultz e do barbeiro judeu, que acabam sendo presos pelos soldados no telhado de uma casa, numa tentativa falha de fuga.

Enquanto isso, Hynkel planeja com seus ministros a invasão a Osterlich, mas logo é avisado que Benzito Napaloni, ditador de Bacteria, encontra-se com suas tropas na fronteira de Osterlich. Imediatamente, Hynkel convida Napaloni para visitar a capital da Tomania para que assim pudesse convencer o ditador de Bacteria a evacuar suas tropas. No gueto, enquanto isso, Hannah foge para Osterlich junto com os moradores do bairro do Ghetto, na esperança de dias melhores e de paz.

Na capital da Tomania, em uma comemoração a presença do ditador de Bacteria, Hynkel e Napaloni brigam e ficam a um passo de declararem guerra um ao outro, entretanto, Hynkel é convencido por seus conselheiros a aceitar o acordo de Napaloni de não invadir Osterlich. Hynkel, todavia, quebra o acordo e decide invadir o país, Hannah e sua família que estão na região são encontrados pelos soldados da Dupla Cruz e sofrem atos de opressão e violência.

Já no campo de concentração, Schultz e o barbeiro judeu conseguem fugir ao utilizarem uniformes de oficiais do exército da Tomania, ao mesmo tempo que isso ocorre, Hynkel está caçando pássaros numa floresta. Hynkel, entretanto, é confundido com o barbeiro judeu, por estar vestindo roupas comuns, enquanto o barbeiro judeu é confundido com Hynkel, por estar vestindo roupas de oficial. Visto que ambos são iguais (interpretados por Charles Chaplin), o barbeiro judeu agora



RELICI

63

como Hynkel é levado até a capital da Tomania e obrigado a discursar, após a conquista de Osterlich. Seu discurso para a surpresa de todos é carregado de ideias democráticas, humanistas e combatíveis ao antissemitismo.

Ao analisar toda a narrativa do filme pela perspectiva da análise do discurso, podemos identificar desde as primeiras cenas, que o filme se trata da ideologia de Chaplin, da luta contra aqueles que possuem o poder e de que a humanidade pode prevalecer mesmo em tempos sombrios. A prova disso é quando o barbeiro judeu salva o aviador (figura “inimiga”, tendo em vista, que o mesmo fazia parte do outro exército), demonstrando que Carlitos mesmo em um momento de tanta atrocidade e violência, foi capaz de ter empatia pelo outro, arriscando, inclusive, sua própria vida pelo bem de alguém.

Quando Hynkel é apresentado na história, é possível identificar três elementos discursivos – a inexistência da liberdade, a obrigação de acatar o autoritarismo e a censura quanto a contrariar o que o governo ordena – ou seja, a única voz ideológica que pode ser praticada é a do terror e da opressão por Hynkel.

Durante o discurso democrático de Carlitos, Hannah aparece manifestando, tanto em sua primeira cena, como em todo o restante da narrativa, um discurso próximo ao do feminismo, uma vez que, ela demonstra ser uma revolucionária que não aceita aquela opressão ou mesmo o que era forçado para ela por ser uma mulher ou judia. Ou seja, Hannah constrói e estimula o discurso de luta, de igualdade e, principalmente, de combate a todo e qualquer opressão, basicamente, uma clara construção discursiva de que todos são iguais.

Podemos destacar também, o discurso construído na cena em que Hynkel e Napaloni se encontram, identificamos que esta se trata de uma sátira de que até os homens mais poderosos e temidos são frágeis. Essa interpretação fica visível quando tanto Hynkel como Napaloni tentam a todo momento se sobressair perante o outro, demonstrando, entretanto, com essa atitude o medo que ambos têm de serem



RELICI

64

superados pelos seus rivais. Lembrando que esta cena representa uma construção histórica do encontro e da relação de Hitler e de Mussolini, que era pautado no relacionamento de temor e respeito, da qual se criou, inclusive, a aliança entre a Alemanha e a Itália.



Microfones entortando por força dos discursos de Hynkel

Ao longo do filme, é possível identificar o discurso de Chaplin contra o próprio Hitler, quando ele utiliza de forma cômica e satírica, uma alusão à língua germânica e a violenta e conhecida maneira de discurso retórico de Hitler, que em muitos casos, caracterizavam-se por serem explosivos e energéticos. Chaplin, então utiliza de várias tosses e palavras inexistentes para simbolizar, o próprio Hitler como um grande orador.

A própria forma de atuação de Chaplin como Hynkel, capaz de entortar os microfones com a força da fala do ditador, demonstra um discurso evidentemente crítico contra a veneração do ditador. “Como Hitler, poderia arengar às multidões numa algaravia ininteligível e falar assim quanto quisesse; como Carlitos, permaneceria mais ou menos calado. Um argumento sobre Hitler prestava-se ao burlesco e à pantomima” (CHAPLIN, 1964, p. 395).

Posto isso, destacamos três pontos primordiais ao analisar o discurso do filme O Grande Ditador: o primeiro, a satirização em cima dos ditadores Hitler e Mussolini e, por consequência, seus apoiadores; o segundo, a luta por liberdade, igualdade, humanismo e solidariedade em uma época em que a tirania, ideias



RELICI

65

totalitárias, preconceituosas, raciais dominavam a sociedade; e, terceiro de esperança, que toda a opressão estava próximo do acabar.

ANÁLISE DISCURSIVA DO ÚLTIMO DISCURSO

Na última sequência narrativa do filme, toda a construção do discurso ideológico contra o nazismo e fascismo é exposta de forma direta nos personagens interpretados por Chaplin, já que o ator e diretor assume sua própria identidade, promovendo um discurso aberto, em prol da humanidade. Apesar do filme ser construído e idealizado em 1939-1940 durante o auge da Segunda Guerra Mundial, a construção discursiva demonstra aquilo que toda sua carreira foi construída: a luta pela sociedade e a manifestação humanitária.

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido (The Great Dictator, 1940).

Ao analisar não apenas seu enunciador, Charles Chaplin, que em todas as suas produções cinematográficas construiu discursos de luta e resistência, mas em todos os enunciados presentes no filme – como, por exemplo do judeu, do



RELICI

66

comandante, dos momentos em que o barbeiro judeu resiste à opressão, além das sátiras do próprio Adolf Hitler e Mussolini – verificamos que a construção narrativa discursiva do *The Great Dictator* tem total ligação com a construção identitária de Chaplin, que possuía um olhar crítico e a favor da luta e da exposição de ideias, anseios e, possíveis caminhos que a sociedade estava trilhando.

Chaplin, em toda sua carreira, possuiu como grande aliado para a crítica sociocultural, a utilização das produções midiáticas, neste caso, da linguagem cinematográfica como ferramenta geradora de debates e divulgadora de seus discursos, ao tentar expor suas ideologias e a de incentivar a construção de olhares críticos por parte da sociedade.

Podemos afirmar que Chaplin não tinha o interesse de “alienar” o público com suas ideologias, mas sim promover reflexões críticas a partir da comédia, ou seja, do humor como instrumento capaz de gerar debates, bem como incentivar a luta por causas justas e nobres, a exemplo da luta pela própria humanidade e liberdade. “Não basta ser judeu para ser antinazista, basta ser uma pessoa humana, decente e normal. Os nazistas são contra o povo” (CHAPLIN, 1964, p. 408).

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, criancinhas... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desesperem! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado



RELICI

67

humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice (The Great Dictator, 1940).

Quando analisamos unicamente o último discurso, sem levar em consideração toda a crítica contra o fascismo e antisemitismo, percebemos na postura do enunciador, Charles Chaplin, um homem empenhado em combater toda a opressão da guerra de forma pacifista e democrática.

Ao utilizar um discurso que estimula a busca pela paz, esperança, humanidade e igualdade, Chaplin traz em suas falas grande carga ideológica de Gandhi⁸, a exemplo de que não é necessária a presença de atos violentos para resistir e lutar, e de que a própria humanidade pode conviver de forma igualitária apesar de todas as “diferenças” criadas pela história sócio-cultural-político da humanidade. Resumindo, desconstruir toda a história do homem, que ocorreu a partir de governantes opressores, e assim criar uma nova, uma em que todos são iguais.

Vale destacar que após a construção, especificamente, do discurso ideológico de Charles Chaplin presente no O Grande Ditador, este foi acusado pelo governo dos Estados Unidos da América por propagar ideais de política comunista e de apoio às lutas de esquerda, sendo exilado dos EUA em 1952. Diante disso,

⁸ Mahatma Gandhi foi o maior defensor do Satyagraha (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como um meio de revolução.



RELICI

68

Chaplin escolheu morar em Vevey na Suíça, regressando aos Estados Unidos da América apenas em 1972, vinte anos depois, para receber seu segundo Oscar Honorário⁹.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém, escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unam-nos! (Segue o estrondoso aplauso da multidão)

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontrares, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos! (The Great Dictator, 1940).

Ao levarmos o momento histórico como principal condutor da nossa análise, podemos assim destacar que o último discurso do filme The Great Dictator relacionado aos acontecimentos de 1939 (o ano em que os países aliados declararam guerra à Alemanha), acabou se tornando uma tentativa de luta e resistência de Charles Chaplin quanto às atrocidades que estavam acontecendo, além de um instrumento de propagação (sátira) que a esperança, razão, felicidade e, principalmente, que o amor pelo próximo triunfaria perante toda aquelas atrocidades.

Tal crítica pode ser vista, especificamente, quando Charles Chaplin “confunde” seu discurso ideológico como ditador com o seu “eu” verdadeiro (o barbeiro judeu), ao falar diretamente para a personagem Hannah – interpretada por sua esposa na época, Paulette Goddard – que naquele momento estava sofrendo opressão do poder militar, um discurso que revela a verdade sobre a sociedade na Europa: a repressão, as injustiças e a violência contra o povo judeu.

⁹ É um reconhecimento da Academia dedicado aos diretores de elenco.



RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente artigo buscou identificar quais foram as construções ideológicas tanto do sujeito como da construção artística do diretor e ator Charles Chaplin, através de uma Análise de Discurso baseado na linha francesa e na perspectiva de Michel Pêcheux, bem como em uma breve exploração acerca da história de Chaplin e de bandeiras ideológicas levantadas ao longo da sua carreira no cinema.

Tomando como base o filme *The Great Dictator* de 1940, escrito, dirigido e atuado por Charles Chaplin, foi possível identificar também uma continuação discursiva quanto as lutas de classes, contra os governos autoritários e pelas reivindicações de uma maior humanidade e solidariedade da sociedade perante seus semelhantes.

Podemos destacar que *The Great Dictator* foi um marco na história não apenas do cinema como mundial, levantando de forma atemporal um discurso contra opressão e preconceitos raciais. Tal filme também se tornou um grande marco na história de Chaplin, pois foi a partir deste, que o mesmo foi acusado de ideologias esquerdistas e comunistas e, por ter sido, claro, o primeiro filme falado da carreira de Charles Chaplin.

The Great Dictator permitiu que seu criador demonstrasse, através de uma obra cinematográfica, toda a sua indignação pela qual, a sociedade do século XX estava sofrendo, por conta da ação de homens poderosos e gananciosos. Salientamos também que o discurso utilizado por Charles Chaplin na narrativa do filme foi uma verdadeira bandeira pelo amor, igualdade e, principalmente, pelo respeito ao próximo, destacando, inclusive, que em nenhuma das situações analisadas neste artigo, foi possível identificar um discurso partidário ou político, mas sim um discurso humanitário, característica marcante em toda sua vida e obra.



RELICI

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Analisando o discurso**. Portal da Língua Portuguesa. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CHAPLIN, Charles. **Minha vida**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria Social do Discurso. In: **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

LOBASSI, Edmundo Washington. **A Morte de Carlitos**: O Grande Ditador - Um marco entre o cinema mudo e falado do diretor Charles Spencer Chaplin. 2009. 77 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Mestrado em Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. 2009.

LOBASSI, Edmundo Washington. O Personagem Carlitos. **Revista Rumores**, São Paulo, v. 1, n. 9, jun. 20. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51238/55308>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

MISIK, Robert. **Marx para apressados**. Tradução: Frank Svenson. Brasília: Edições Alva, 2006

MOURA, Maria B. do S. **Memória discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico**. Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-maria-betania-memoria-discursiva-em-foucault.pdf>> Acesso em: 17/07/2017

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995



RELICI

71

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Tradução de Eni P. Orlandi In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997a. p. 61-161.

_____. FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b, pp. 163-252.

FILMOGRAFIA

The Great Dictator (1940), Charles Spencer Chaplin.